

# PROFISSÃO PROFESSOR. SÁBIO, ANJO OU DEMÓNIO?

**Fernando Cortes Leal**

Professor especializado em Administração Escolar, Portugal.

Pergunto-me: o professor é um generalista ou um especialista?

A nossa cúmplice modernidade civilizacional, na qual a morte de uma mediática formiga escamoteia o homicídio de um anónimo elefante branco, convida-nos a uma singela especulação existencial: o desempenho profissional do professor é, nos conturbados dias que decorrem, palco ou plateia do saber?

A resposta do sábio é simples: “Diz-me o que queres aprender e dir-te-ei onde encontrar a informação que procuras”. A resposta do louco seria com certeza outra: “Diz-me o que sabes e eu aprenderei contigo”. Por sua vez, já o professor diria: “Ensina-me, e ambos aprenderemos!”.

Quero com isto insinuar que de sábios, de loucos e de aprendizes, todos os professores devem ter um pouco e que a disponibilidade para a hetero-aprendizagem é hoje uma contingência necessária à sobrevivência da espécie social em que se constituiu o professorado. Por outras palavras: só está em condições de ensinar quem está disponível para permanentemente aprender.

Quase me atrevera a dizer que os alunos de hoje só não sabem mais (ou fingem não saber) porque a adultocêntrica e concentracionária sapiência de pais, de educadores e de professores é, enquanto manifesto mecanismo de paternalista auto-defesa, uma emparedada fórmula para, face ao olhar dos outros (sobretudo dos mais jovens), os manter enciclopedicamente intocáveis. Nesta senda, o professor tradicional de hoje (isto é, aquele que não quebrou amarras com o passado fazendo nele ancorar todo o seu imaginário) quase se assemelha ao avozinho contador de histórias de ontem, na medida em que apenas transmite aos outros aquilo que ele próprio viveu, presenciou e empiricamente aprendeu, convertendo o dogma de S. Tomé (“ver para crer”) em algo similar a “se queres saber aprende o que eu sei”. Trata-se, nesta esteira, de inscrever o leito do conhecimento nas margens do seu memorial de vida, como se -talvez apenas para gáudio da sua auto-estima- os novos tempos o elegessem como filho primogénito da mais aprimorada das gerações.

Ora, perguntemo-nos: o que sabe o professor? Sabe, com certeza, da sua especialidade (pelo menos académica e cientificamente a isso está vinculado); enquanto pessoa (única e intransmissível) sabe de si e enquanto cidadão sabe também dos outros. Tece, perante o mundo que o rodeia, os seus próprios juízos de valor, que são, quase invariavelmente, os do seu tempo. Porém, enquanto professor, veste a farda de uma arrastada sapiência: um matemático, por exemplo, dirá irredutivelmente que dois mais dois é igual a quatro. Porém, talvez o aluno (ou mesmo o professor de língua materna na sala contígua) possa legitimamente perguntar se as parcelas a somar são qualitativamente iguais. Ou, talvez pelo situacionismo dos costumes instalados, nem alunos nem professores ousem questionar (mas antes ambos à sua maneira possam duvidar) se nada mais há, para lá do contido e programado discurso académico dogmaticamente

inscrito na pura e singela matematização das coisas. Ou seja: o saber escolar tem uma métrica relativista, quer ao olhar especialista do professor, quer ao olhar (mais desinibido, generalista e naturalmente mais ingénuo) da pessoa do aluno. Infelizmente, o professor quase apenas sabe falar da sua especialidade e, na melhor das hipóteses, também sabe falar de si próprio, mais não seja para dizer que, ao invés dos dias que decorrem, no seu tempo as coisas eram bem melhores e diferentes. Porém, tal como os Velhos do Restelo<sup>1</sup>, também esta misógina leitura da nossa conturbada contemporaneidade revela o quanto basta para se constatar que a indisponibilidade para aceitar os exigentes e complexos desafios da nossa comum modernidade existencial recoloca-nos numa platónica idolatria das sombras que um dia foram nossas mas que hoje já são necessariamente outras, porventura mais voláteis mas seguramente mais apressadas no tempo em que se fazem sucessivamente acontecer.

Questionemo-nos: o que há de errado em tudo isto? Nada, a não ser a perspectiva cultural e geracional pela qual se vive (ou passivamente se contempla) o mundo actual; um mundo em repentina e sobressaltada inovação e por isso manifestamente apelativo da transformação do conteúdo funcional da profissionalidade docente; um mundo exigente, mais não seja pela imprevisibilidade que advém do seu futuro, mas, também por isso, mais carenciado de professores contemporâneos da sua história presente.

Em sùmula, também o professor de hoje é, natural e assumidamente, um aprendiz, mais não seja porque vive num tempo e num espaço social de permanente reconfiguração dos seus templos de ensino, de aprendizagem e de cúmplice socialização. Perguntar-me-ão: O que resta do professor de outrora? Respondo: a experiência necessária para que a profissão em si mesma não se esgote e possa condignamente ser repensada.

---

<sup>1</sup> O Velho do Restelo, personagem criado por Luis de Camões en el Canto IV de Os Lusíadas. <sup>1</sup> É um personagem ressentido, egoísta, acomplegado, para quem poucas coisas valem a pena. (Nota del Editor)

**Contactar**

**Revista Iberoamericana de Educación**

**Principal OEI**